

Dublagem do grito

(Andréa Catrópa)

Há, por vezes, no meio literário, o espelhamento de uma crença comum no universo da gestão empresarial: é preciso vestir a camisa de alguma instituição poderosa para conseguir a própria colocação estratégica. Dizer de que lado se está, a que grupo pertence e a quem apoia tem sido cobrança comum ao longo de nossa história literária. As obras que um poeta lê privadamente nem sempre são as que ele irá citar entre suas fontes de referência. A escolha das influências declaradas relaciona-se diretamente com suas leituras e vivências e, indiretamente, com as marcas que quer carimbar na literatura de seu tempo e nos desvios de curso que nela quer provocar.

Esse movimento pode, portanto, desvincular-se das manobras de poder, atrelando-se a um desejo de fazer, uma inclinação a produzir mudanças, que evoca o sentido genérico e primordial de *poiésis*. Lá se vão, no entanto, mais de 2.500 anos a nos separar desse contexto e talvez seja impróprio evocar aqui a Grécia Antiga. Ainda mais para tratar da estreia de um jovem poeta, Renan Nuernberger, com *mesmo poemas* (Selo Sebastião Gripho, 2010). Isto porque seu trabalho está absolutamente implicado com o papel contemporâneo da poesia brasileira, assumindo esse problema como o centro gerador de sua escrita. Há um movimento corajoso, que se tenta logo nas primeiras páginas, com poemas como “sem título” e “pequena comoção”. Apesar da angústia temática, às voltas com a incapacidade de dar sentido à vida, há uma afirmação oblíqua de possibilidade de transformação das circunstâncias negativas por meio do vigor dessa voz que se erige *do* e *pelo* texto. Como se o livro abrisse as janelas timidamente, buscando uma lufada de ar fresco, e acabasse gritando a plenos pulmões, tentando interferir no ritmo do que se passa na rua. Mas, frustrada essa expectativa, há um recolhimento.

Muitos poemas, a partir daí, irão distanciar-se da abertura ao questionamento existencial e ao exame das vivências cotidianas para se refugiar na biblioteca. São muitas as leituras e influências que o poeta explicita em seu livro, propondo uma visita aos pares e à tradição que é, ao mesmo tempo, crítica e afetiva.

Partindo do princípio que essas inclusões não são ingênuas – como nos leva a crer a consistência que esse recurso adquire no contexto do livro, funcionando como sua espinha dorsal –, precisamos perguntar se não são excessivas. Por um lado, observamos que esse recurso é recorrente entre os poetas que estrearam em livro na primeira década do século XXI. Por outro, fica a dúvida se esse mesmo recurso não indicaria reverência demais ao passado, negando a rebeldia típica das novas gerações.

Vorazes, as vozes de *mesmo poemas* lêem o trabalho alheio, dublam-no, quando não recorrem ao improvisado. Esse procedimento, se talvez torne parte do livro semelhante ao caderno de um aluno de literatura extremamente aplicado, também traz poemas muito bem realizados, em que a admiração e a ironia em relação à obra alheia mesclam-se à auto-ironia. Um exemplo disso é “procura da poesia, um tom abaixo”: a questão que se apresenta na curta estrofe inicial do primeiro é: “o que há naquele/ que neste não há?”. Assim, se a poesia pós-modernismo fracassou (como muitos pensam), não conseguindo conquistar a crítica, os leitores ou quiçá os próprios poetas, o problema não está alhures. Os dêiticos (*naquele, neste*), associados à imitação de fórmulas comuns para expressar ciúmes e provocar inveja (como “eu tenho, você não tem” ou “o que ela tem, que eu não tenho?”), trazem a questão para o aqui e agora. Não só o ato da leitura, mas a publicação do livro e sua escrita são problematizados. Contrariando sua formalização, não é singela a pergunta que desencadeia o poema, tampouco esta que o encerra: “o que há de terrivelmente/ troncho neste que naquele/ não há, pedra de toque?”.

O exemplo acima nos permite comentar que, embora enxuto, o verso que Renan Nuernberger pratica não é “anoréxico” (como vários poetas prefeririam na década de 90), empregando, ao lado de verbos e substantivos, adjetivos, conectivos, pronomes e artigos. Usualmente, há uma obediência à prosódia da fala e raras subversões às normas sintáticas. Esse tom aparentemente convencional sofre intromissões estruturais, com os cortes, e semânticas, com um léxico que emprega tanto termos do cotidiano massificado (*Hebe, botox, adidas, bic*), quanto outros de uso menos corriqueiro (ulterior, pétreo, paladino, derrisão). O poeta ensaia, assim, percorrer uma via que mescla o universo *pop* ao das referências literárias, ainda que o primeiro fique um pouco sufocado pelo domínio do segundo. Este também não é um caminho exclusivo, sendo tangenciado por outros poetas como Fabiano Calixto e Angélica Freitas, com as devidas nuances que os diferenciam. Aqui não iremos nos aprofundar nesse aspecto, mas destacamos que a particularidade desse traço na obra resenhada é a abordagem que ressalta as

disparidades da cultura de massas, relacionando-a mais com o *kitch* (e até o *trash*) do que com o *cool*.

Um dos maiores obstáculos ao amadurecimento da obra de um poeta contemporâneo é o mais absoluto silêncio a respeito de seu trabalho. Então, ficam aqui algumas questões que podem suscitar outras, ampliando a dimensão e o impacto da poesia por meio de sua discussão e de um debate que revalide sua pertinência. Esperamos que isso, também, libere parcialmente um jovem poeta como Renan Nuernberger de zelar pela poesia com seu guardião, tornando-o confiante na possibilidade de usar as técnicas e conhecimentos que indiscutivelmente domina para olhar para seu mundo e seu tempo, escrever sobre temas e situações diversas, acreditar, talvez, que a poesia praticada hoje ainda possa dar conta de nosso momento histórico, fora dos “muros do texto”, de uma forma única e essencial.